A importância do estudo das supostas periferias: a contribuição da Irlanda para a medievalística brasileira

The importance of studying the so-called peripheries: the Irish contribution to Brazilian Medieval Studies

Dominique Santos [*]
Fundação Universidade Regional de Blumenau

Elaine Pereira Farrell [**]
Universidade de Utrecht e University College Dublin

Resumo

A área de História Medieval desenvolveu-se muito nas últimas décadas no Brasil, o que pode ser percebido tanto pela quantidade de pesquisadores dedicados aos estudos deste período histórico quanto pela qualidade das reflexões produzidas sobre ele. Refletindo sobre as perspectivas e desafios da História Medieval no Brasil e considerando a produção historiográfica recente, o objetivo deste artigo é apresentar algumas observações sobre as possíveis contribuições dos estudos irlandeses para a História Medieval estudada no Brasil e, na sequência, refletir sobre os desafios de se estudar história irlandesa no Brasil e vislumbrar possíveis caminhos para o futuro dos estudos deste campo no país.

Palavras-chave: História Medieval no Brasil; Futuro dos Estudos Irlandeses no Brasil; Historiografia.

Abstract

The field of medieval history in Brazil has developed greatly in recent decades. This is apparent both in the increase of researchers working on material from the period, as well as in terms of the quality of that work. Consequently, the primary aim of this paper is to reflect on the challenges of doing medieval history in Brazil. Based primarily on an examination of recent scholarly publications, this paper aims to consider the contributions being made by Irish Studies to the research of the Middle Ages. Last but not least, this paper will consider possible research channels for the future of Irish Studies in Brazil.

Keywords: Medieval History in Brazil; The Future of the Irish Studies in Brazil; Historiography.

● **Enviado em: 27/10/2016**
● **Aprovado em: 21/11/2016**

[*] Dominique Santos é professor do Departamento de História e Geografia, Universidade Regional de Blumenau (FURB), coordena o LABEAM - Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais e é membro da Cátedra de Estudos Irlandeses W.B. Yeats (USP), dvcsantos@furb.br.

[**] Elaine Pereira Farrell trabalha no Departamento de História e História da Arte da Universidade de Utrecht, Holanda e no Departamento de História da *University College Dublin*, Irlanda, elaine.pereira-farrell@ucd.ie. Sua pesquisa é financiada pelo *Irish Research Council* e pela *Marie Curie Actions*. Ela é membro da Cátedra de Estudos Irlandeses W.B. Yeats (USP), do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais (LABEAM), do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA - UFF); Núcleo Interdisciplinar de Estudos Históricos (PLURALITAS - UFRRJ); e do *Translatio Studii*: Dimensões do Medievo (UFF), elaine.pereira-farrell@ucd.ie.

INTRODUÇÃO

Em 1973, o medievalista Walter Ullmann, em sua aula inaugural na Universidade de Cambridge, discutiu sobre o futuro da História Medieval. Utilizando-se de linguagem metafórica, seu tom parecia um pouco pessimista, como se ele estivesse visualizando um campo de estudos murchando como uma muda recentemente plantada e exposta ao sol quente precisando que ele a regasse[1]. Cremos que talvez ele ficasse surpreso ao ver que esta "árvore", apesar dos desafios institucionais, políticos e econômicos, ainda possui raízes fortes e seus ramos se estendem hoje para fora da Europa, o tradicional centro de estudos medievais, e floresce na América Latina e na Ásia.

Em seu importante seminário e artigo, Ullmann advertia seus pares para a importância de se evitar a superespecialização, além da necessidade de se produzir uma história integrativa, impossibilitando, assim, sérias deficiências de formação acadêmica e do conhecimento histórico[2]. Ele chamou a história feita em seu tempo de "paroquial", retida em seus mini círculos, e convocou os colegas a diversificarem seus olhares e fontes explorando desta forma as possibilidades dos estudos comparativos[3].

Apesar das possibilidades que se apresentaram desde então, a discussão proposta por Ulmann na década de 1970 faz-se pertinente e necessária ainda hoje. Em uma sociedade cada vez mais digitalizada, é preciso não somente pensar o conhecimento de forma mais dinâmica, sobretudo reconhecendo a importância e a contribuição dos debates sobre inter, multi e transdisciplinaridade, mas observar e contemplar, também, algumas temáticas que estão na pauta do dia, como as discussões sobre internacionalização e flexibilização do currículo e a produção de saberes e fazeres glocais[4], além das questões relacionadas às migrações de povos, e etnogêneses, ao redimensionamento das fronteiras e suas implicações, assim como aquelas que dizem respeito à definição, reinvenção e ressignificação de identidades, fatores que têm recebido atenção de pesquisadores de várias áreas do saber.

Estudar diferentes temporalidades e espacialidades, além de ser uma condição imprescindível para a erudição, colabora para a formação de um repertório historicamente localizado, aprofundando a compreensão de noções como alteridade, diversidade, mudança,

1 ULLMANN, Walter. The future of medieval history: an inaugural lecture (University Press. Cambridge, 1973). In: ULLMANN, Walter. *Scholarship and Politics in the Middle Ages: Collected Studies.* London: Variorum Reprints, p.1-30, 1978.
2 Ibidem, p. 1, 4, 14, 24.
3 Ibidem, p. 10-12.
4 LUNA, J. M. F.. *Internacionalização do Currículo: Educação, Interculturalidade, Cidadania Global*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2016. v. 1. 332p .

permanência, dentre outras. Analisar como os diversos agrupamentos humanos produzem para si orientação e sentido ao longo do tempo pode contribuir para formação de um pensamento crítico e fornecer ferramentas para uma maior familiarização com demandas do tempo presente[5].

Considerando este debate, as perspectivas e desafios da História Medieval no Brasil, e a produção historiográfica recente, apresentamos algumas reflexões sobre os estudos irlandeses, e como estes se construíram e têm se desenvolvido no Brasil, o que implica em abordar alguns dos desafios enfrentados e possíveis caminhos para o futuro destes estudos no país, e as contribuições que o estudo da história irlandesa pode oferecer para a medievalística brasileira, como, de uma forma geral, a ampliação das fronteiras geográficas, temáticas e epistemológicas em uma medievalística que há algum tempo deixou de ser apenas leitora de ideias estrangeiras, passando também a produzi-las.

RELEVÂNCIA ACADÊMICA E SOCIAL DOS ESTUDOS IRLANDESES PARA A MEDIEVALÍSTICA

Escrevendo sobre a importância dos estudos medievais, Ian Wood, em sua recente obra *The Modern Origins of the Early Middle Ages*[6], aborda como as várias escolas de pensamento europeu narraram a transição da Antiguidade para o Medievo e demonstra como cada uma delas possui um discurso político por trás de suas leituras e discursos. Um dos argumentos de Wood é conhecido, mas excelentemente evidenciado e elaborado em seu livro, no qual ressalta como a narrativa histórica nunca é neutra e a história possui influência direta na política atual. É uma relação de duas vias, a política influencia na narrativa da história e a narrativa histórica influencia decisões políticas.

Um dos pontos de reflexão nos quais Wood se baseia para construir sua argumentação é o exemplo irlandês. Ele traça o contexto histórico no qual a história medieval da Irlanda, dos santos e peregrinos irlandeses e da contribuição destes para a formação das sociedades medievais insulares e continentais, ganhou espaço na historiografia continental europeia. A ênfase na importância da Igreja irlandesa para a construção do cristianismo medieval e na relevância dos ascetas peregrinos irlandeses para o ocidente medieval, tais como Columbano e João Eurígena, teria se dado no século XIX, com movimentos de avivamento católico franceses e irlandeses, que colocaram os peregrinos irlandeses e anglo-saxões nos holofotes

5 RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história I: os fundamentos da ciência histórica.* Brasília (DF): Ed. da UnB, 2010. 194 p.

dos estudos medievais. O autor explica que, na Irlanda, figuras como Daniel O'Connor (1775–1847), que lutaram pela "emancipação católica" e pela ampliação dos direitos dos católicos irlandeses suprimidos pelos protestantes britânicos, inspiraram representantes do reavivamento católico francês, tais como Frédéric Ozanam (1813–1853) e Charles Forbes Réne de Montalembert (1810–1870). Os revivalistas focaram suas narrativas na espiritualidade medieval, resgatando os ascetas irlandeses e anglo-saxões e louvando–os pela disciplina e pelo entusiasmo missionário. Devido a estas discussões, os ascetas hibérnicos passaram a serem vistos como agentes centrais na construção do cristianismo medieval, que passou a ser compreendido como um dos principais pilares das sociedades europeias ocidentais medievais[7].

Esta ênfase na importância do cristianismo e da Igreja como agentes influenciadores das sociedades medievais é um fenômeno político e historicamente situado, foi realizado dentro de um contexto específico, principalmente aquele do reavivamento católico do século XIX. Apesar disto, o argumento precisa ser considerado e não pode ser de todo descartado. Ao contrário, pois a medida em que pesquisadores de nacionalidades diversas se enveredam pelos estudos medievais, mais fica clara a importância dos cristianismos medievais na formação das sociedades ocidentais e orientais, devido ao intenso contato e trocas entre estas.

Dentro deste contexto de influência da Igreja nas sociedades medievais, não é mais questionável o fato de que os irlandeses contribuíram consideravelmente para este processo, assim como para a transmissão de manuscritos e de conhecimentos[8]. A discussão historiográfica atual concentra-se em analisar a proporção desta contribuição, que, também por motivos políticos, talvez tenha sido por vezes exagerada e por esta razão, esteja sendo revisada por vários pesquisadores, como o próprio Wood.

Estas reflexões constituem-se em um importante elemento da história da Irlanda que pode interessar muito à medievalística brasileira: os debates em torno dos cristianismos e suas diferentes manifestações. Em um país multiétnico e de práticas e crenças religiosas múltiplas, como é o caso brasileiro, no qual uma imensa maioria da população guarda, ainda,

---

6 WOOD, Ian. *The Modern Origins of the Early Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press, 2013. xiv, 374p.

7 WOOD, Ian. *The Modern Origins of the Early Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press, 2013. xiv, p. 137-153. E também WOOD, Ian. The Irish in England and on the Continent in the Seventh Century: Part I. *Peritia*. Tourhout: Brepols, v.26, p.171-198, 2015.

8 O'LOUGHLIN, Thomas. Monasteries and manuscripts: the transmission of Latin learning in early medieval Ireland. In: MORGAN, H. (Ed.). *Information, Media and Power through the Ages*. Dublin: University College Dublin Press, 2001, p. 46-64. ; MEEDER, Sven. The Irish Foundations in the Carolingian World. *Settimane di Studio LVII*. Spoleto: Fondazione Centro Italiano di Studii Sull'Alto Medievo, p.467-473, 2010.

preceitos e práticas religiosas, tais como os conceitos de monasticismo, culto aos santos, peregrinação, e as procissões, dentre tantos outros exemplos, acoplados aos rituais cristãos e de outras religiões com as quais o cristianismo entrou em contato, já que ele faz parte de um cenário religioso complexo, como é o brasileiro. Uma medievalística não isolada das demandas sociais precisa se interessar por estas temáticas, demonstrando sua relevância social. A experiência irlandesa, se integrada ao debate, terá contribuições a oferecer.

Outra contribuição importante dos estudos irlandeses, tanto para os estudos medievais, em geral, como para a medievalística brasileira, em particular, é a questão da periodização, ou seja, como dividimos a história em períodos e, para efeitos didáticos, criamos formas históricas para explicar as experiências humanas no tempo[9]. Mais uma vez, considerando as reflexões de Wood, a transição do fim do período clássico para a Idade Média é considerada como um dos mais importantes períodos históricos, pelo menos sob o ponto de vista Europeu. Para pesquisadores não europeus, a primeira afirmativa, de que este período de transição foi importante, não causa surpresa, mas a ressalva parece-nos irrelevante. Será que esta transição é importante somente para os europeus? Por quê? Não fazemos todos nós parte de uma mesma humanidade, cada vez mais globalizada, que compartilha uma história comum?

No caso específico das Américas, que possui sua história tão atrelada também à história europeia, esta relevância torna-se ainda mais evidente. Se quisermos pegar um único aspecto como exemplo, para além das questões religiosas, pensemos nos aspectos socioeconômicos, no conceito de escravidão, por exemplo, na antiga, porém, não resolvida e nem superada discussão sobre a transição da mão-de-obra escrava para a mão-de-obra servil[10]. Será que podemos pensar sobre a escravidão moderna nas Américas sem pensar sobre escravidão nos mundos antigo e medieval? Seria uma tarefa exigente e talvez com resultados comprometidos. Sabemos, inclusive, que a escravidão não desapareceu por completo na Idade Média[11]. Ironicamente, o primeiro texto escrito produzido na Irlanda foi feito por um ex-escravo romano-britão, Patrício. O homem que se tornou um missionário e, ao

9 GUARINELLO, Norberto. Uma morfologia da história: as formas da História Antiga. *Politeia: hist. e soc*. Vitória da Conquista, Vol. 3, nº 1, p. 41-61, 2003.

10 HENNING, Joachim. Slavery or freedom? The causes of early medieval Europe's economic advancement? *Early Medieval Europe*, Oxford: Wiley-Blackwell, v.12, n.3, p.269-177, 2003. ; BASTOS, Mário J.M. Escravo, servo ou camponês? Relações de produção e luta de classes no contexto da transição da Antiguidade à Idade Média (Hispânia - Séculos V-VII). *Politéia: história e sociedade*, Vitória da Conquista, v.10, n.1, p.77-105, 2010.

11 McCORMICK, Michael. *Origins of the European Economy: Communications and Commerce A.D. 300-900*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, xxvi, p. 758-776. ; HENNING, Joachim. Slavery or freedom? The causes of early medieval Europe's economic advancement? *Early Medieval Europe*, Oxford: Wiley-Blackwell, v.12, n.3, p.269-177, 2003.

longo da Idade Média, foi transformado em santo, seria, posteriormente, o padroeiro da Irlanda[12], cujo dia festivo tem sido celebrado mundo à fora nos últimos anos, inclusive em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Ainda sobre esta temática da periodização, o estudo da História da Irlanda pode oferecer possibilidades importantes de análise e comparação sobre esta temática da "transição da Antiguidade para o Medievo". A historiografia brasileira, por exemplo, tanto da área de História Antiga quanto de História Medieval, bem como grande parte dos livros didáticos brasileiros, costuma estabelecer, ou aceitar, que esta divisão entre Antiguidade e Medievo teria como marco cronológico, da separação entre estes dois períodos, o ano de 476 d.C., aceito como momento importante no processo de desagregação do Império Romano do Ocidente. Este "marco" também é considerado nas discussões envolvendo os conceitos de "Primeira Idade Média" e "Antiguidade Tardia"[13]. Para o caso irlandês, a situação é ainda mais complexa, pois além de apresentar as singularidades comuns às historiografias de outros países, também precisa-se considerar o fato da *Hibernia*, nome latino do território que corresponde à atual Irlanda, nunca ter feito parte, como *prouincia* do Império Romano.

Um discurso mais harmônico sobre esta fase de transição, que compreende o período entre os séculos V e XV no qual a Irlanda viveu uma "Idade Média", é um fenômeno recente e tem muito mais relação com o debate político da União Europeia e com o mercado editorial, do que com uma crítica das formas *stricto sensu*. Termos como *Media Tempestas*, *Media Aetas*, *Media Tempora* e *Medium Aevum*, por exemplo, que apareceram entre 1469 e 1604, têm muito mais relação com a Europa Continental do que com o contexto irlandês. Da mesma forma, tanto a data de 410 quanto a de 476 dizem menos à ilha do que ao continente, pois consideram acontecimentos históricos relacionados com o Império, do qual, novamente, a *Hibernia* não fazia parte. Assim, antes de se decidir pelo uso mais amplo dos termos "Medieval" e "Idade Média", a historiografia irlandesa criou nomenclaturas diversas, tais como: *Early Ireland*; *Early Christian Ireland*; *Ireland under the Vikings*; *Ireland under the Normans*, dentre outras, e também recorreu às distintas datações e periodizações, como a utilizada, por exemplo, por Dáibhi Ó Cróinín, que denominou, em uma coletânea que organizou, como *Prehistoric and Early Ireland* o período que se extende de 7.000 a.C. até 1169

12 Confessio.ie; SANTOS, Dominique. *Patrício: A construção da imagem de um santo/ How the historical Patrick was transformed into the St. Patrick of religious faith.* New York e Lampeter: The Edwin Mellen Press, 2013. 316p.

13 SILVA, Gilvan Ventura da. O fim do Mundo Antigo: uma discussão historiográfica. Mirabilia, Brasil, v. 1, p. 1-10, 2001. ; O'DONNEL, James Joseph. Late Antiquity: Before and After. *Transactions of the American Philological Association*, v.134, n.2, p. 203-213, 2004. ; SILVA, Marcelo Cândido. Entre "Antiguidade Tardia" e "Alta Idade Média". Diálogos, DHI/PPH/UEM, V. 12, n. 2/3, p. 53-64,2008.

d.C.[14], enquanto que Arts Cosgrove, escrevendo o número seguinte da mesma série da qual Ó Cróinín editou o primeiro volume, considerou como *Medieval Ireland* os anos entre 1169 e 1534[15]. Por outro lado, no livro básico e introdutório mais recente publicado sobre a Irlanda, Edel Bhreathnach optou pela nomenclatura "em moda" no momento: *Ireland in the Medieval World 400-1000*.

Esta discussão é interessante para a galáxia de Heródoto de uma maneira geral, pois uma morfologia das formas históricas interessa a qualquer reflexão sobre a produção das narrativas históricas, elemento bastante estudado pela Didática da História, disciplina parte da Ciência da História[16] . Assim sendo, não é diferente para os estudos medievais, ainda mais tendo em vista que o debate sobre a transição da Antiguidade para o Medievo e se este período deve ser denominado de Antiguidade Tardia ou Alta/Primeira Idade Média ocupa parcela importante nos debates da área[17]. O conhecimento da História da Irlanda e do que a historiografia irlandesa tem apresentado sobre este período de transição, pode nos auxiliar a compreender de forma mais aprofundada este tipo de debate, conforme apontado em uma das contribuições recentes apresentadas à medievalística brasileira[18].

O estudo da História da Irlanda pode contribuir para uma compreensão mais abrangente da Europa durante a Idade Média e a possibilidade de conhecermos com maior riqueza de detalhes as relações da cultura medieval com a tradição clássica. Conexões com a cultura latina já estavam disponíveis, por exemplo, desde os primeiros sinais grafados em irlandês antigo nas *Ogham Stones*[19]*.* Patrício, o mesmo anteriormente mencionado, um dos personagens irlandeses mais conhecidos, não só vivia na *Britannia Romana*, como conhecia as obras de Santo Agostinho, Atanásio, São Martinho de Tours e João Cassiano. Muirchú Moccu Machténi, hagiógrafo de Patrício, tinha familiaridade com textos como o *Audite Omnes*, o

14 Ó CRÓINÍN, Dáibhí (Ed.) *A New History of Ireland: prehistoric and early Christian Ireland*. A New History of Ireland, v.1. Oxford: Oxford University Press, 2005, lxxxiii, 1219p.

15 COSGROVE, Arts (Ed.) *A New history of Ireland: Medieval Ireland 1169–1534*. A New History of Ireland, v.2. Oxford : Clarendon, 2008, lxii, 1002p.

16 RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história I: os fundamentos da ciência histórica.* Brasília (DF): Ed. da UnB, 2010. 194 p.

17 FRIGUETTO, R.. A longa Antiguidade Tardia: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. In: VII Semana de Estudos Medievais, 2010, Brasília. Por uma longa duração. Perspectivas dos estudos medievais no Brasil. Brasília: Casa das Musas, 2009. v. 1. p. 101-122. ; FRIGUETTO, R.. *A Antiguidade Tardia. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (séculos II-VIII)*. 1. ed. Curitiba: Juruá Editora, 2012. v. 1. 226p .

18 FARRELL, Elaine P.; SANTOS, Dominique. Early Christian Ireland—Uma reflexão sobre o Problema da Periodização na Escrita da História da Irlanda. In: BAPTISTA, L.V.; SANT'ANNA, H.M. and SANTOS, D. (Eds.), *História Antiga: Estudos, Revisões e Diálogos*, Rio de Janeiro, p.85–213, 2011.

19 SANTOS, Dominique. A Cultura Hiberno-Latina na Bretanha Romana e Pós-Romana: Evidências a Partir das Ogham Stones. In: *Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: Novos e Velhos Desafios, 27-31 de Julho de 2015*. Florianópolis, 11p.

Commonitorum, as *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, o apócrifo *Actus Petri cum Simone*, o *Passio Apostolorum Petri et Pauli* e a *Historia Apostolica*[20].

Homero era bastante conhecido na Irlanda. Brent Miles, comparando o *Táin Bó Cúailnge*, maior épico irlandês, com a Ilíada, encontrou várias semelhanças entre as duas obras: a forma de caracterizar os personagens, o episódio dramático de abertura, o tempo verbal passado da narração, além de vários acontecimentos que se desenrolam em ambas as obras, como, por exemplo, o rei de Ulster Fergus Mac Róich arrastando o cadáver de Etarcomal em seu carro de guerra, que é semelhante ao que Aquiles fez com Heitor[21].

Os escritores irlandeses da Idade Média leram e adaptaram inúmeras obras clássicas para os mais distintos propósitos. Diversos destes títulos, em irlandês médio, são releituras de composições da Antiguidade: *Togail Troí*, *Scéla Alaxandair, Imtheachta Aeniasa, In Cath Catharda, Togail na Tebe, Luid Iasón ina luing lóir, Robo maith Aichil mac Péil, Don Tres Troí, Fingal Chlainne Tanntail, Sgél in Minaduir, Riss in Mundtuirc, Merugud Uilixis, Stair Ercuil ocus a Bás*. A maior parte destes textos narram, principalmente, os feitos dos grandes heróis gregos e romanos e estudá-los pode nos auxiliar a perceber como a tradição clássica foi compreendida e relida no mundo medieval[22].

A Irlanda foi um dos primeiros lugares na Europa a produzir uma literatura vernácula e um de seus vários gêneros narrativos, os *Immrama*, é muito importante para nossa compreensão de um dos *topoi* medievais mais frequentes, o do paraíso terreno. Estas obras irlandesas relatam viagens em busca destes paraísos. Trata-se de uma espécie de "outro mundo", sempre em contato com o mundo dos vivos. Muireann Ní Bhrolcháin explica que ele é referido de várias formas na literatura irlandesa: *Tír na mBeó* (Terra dos viventes); *Tír na mBan* (Terra das mulheres); *Mag Mell* (Planície do prazer); *Mag Mór* (A grande planície); *In Tír Tairngire* (A terra prometida) e *Tír na nÓg* (Terra da Juventude). Tantas nomenclaturas podem ser explicadas, talvez, pelo fato de que foi uma crença amplamente difundida, reinterpretada e ressignificada em várias localidades[23]. Quando se tem este tipo de experiência, ou seja, a oportunidade de viajar até estes mundos pode-se encontrar heróis,

---

20 SANTOS, Dominique. *Patrício: A construção da imagem de um santo/ How the historical Patrick was transformed into the St. Patrick of religious faith.* New York e Lampeter: The Edwin Mellen Press, 2013. 316p. ; SANTOS, Dominique. (Org.). *Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo*. Blumenau: Edifurb, p.86-98, 2014.

21 MILES, Brent. *Heroic Saga and Classical Epic in Medieval Ireland*. Cambridge, DS Brewer, 2011, x, p. 148.

22 O'CONNOR, Ralph. Irish Narrative Literature and Classical Tradition 900-1300. In: O'CONNOR, Ralph (Ed.). *Classical Literature and Learning in Medieval Irish Narrative*. Studies in Celtic History XXXIV. D.S. Brewer, Cambridge, p.1-24, 2014.

23 NÍ BHROLCHÁIN, Muireann. *An Introduction to Early Irish Literature*. Dublin: Four Courts Press, 2009, p. 79.

divindades etc. A passagem do tempo também sofre alteração, possuindo várias velocidades ou podendo até não passar. Alguns exemplos conhecidos do público brasileiro de narrativas desta natureza são "A Navegação de São Brandão" e a "Visão de Túndalo", pois estas obras têm sido estudadas pela medievalista Adriana Zierer[24]. O contato com este tipo de literatura nos auxilia a compreender textos com características semelhantes, mas escritos em outros idiomas europeus durante a Idade Média. É o caso, por exemplo, da narrativa sobre o País da Cocanha, também familiar ao público brasileiro[25].

Por fim, estudar os *Immrama* também pode auxiliar na compreensão da história do Purgatório. Em uma de suas obras, Jacques Le Goff[26] afirma que o nascimento literário do *Purgatorium* ocorreu na Irlanda a partir da necessidade de se estabelecer um lugar no além cristão que conciliasse as ideias apresentadas pelo cristianismo com estes outros mundos da tradição irlandesa. A obra apontada por Le Goff como aquela que caracteriza este nascimento do *Purgatorium*, um lugar específico no além para onde as almas podem ir ainda em sua forma corpórea, foi intitulada *Tractatus de Purgatorium Sancti Patricii Apostoli Hibernensis*, ou simplesmente, *Tractatus de Purgatorio*. Ela é datada do século XII e teve ampla circulação por toda Europa durante a Idade Média. Segundo, Yolande de Pontfarcy e Jean-Michel Picard existiram cerca de 150 manuscritos contendo estas narrativas sobre o Purgatório. De acordo com os autores, um destes textos, por exemplo, chegou ao conhecimento de Dante Alighieri, que se baseou nesta narrativa para produzir a etapa do Purgatório de sua Divina Comédia[27].

O estudo da abundante produção Hiberno-Latina e vernácula irlandesa assim como a interação entre ambas, têm produzido importantes contribuições para a compreensão de grupos sociais bilíngues e para a intersecção entre escrita e oralidade. O projeto da Universidade de Utrecht liderado por Peter Schrijver sobre "*Bilingualism in Medieval Ireland – Language choice as a part of intellectual culture"* começa a produzir resultados interessantes[28]. Semelhantemente, o livro de Elva Johnston sobre *Literacy and Identity in Early Medieval Ireland* também lançou nova luz sobre o assunto. Esta obra evidenciou como a pedagogia latina influenciou o desenvolvimento das tradições gramaticais vernáculas. As línguas

24 ZIERER, Adriana. "A Viagem de S. Brandão e os Imrama Célticos". In: LUPI, João; DAL RI JR., Arno. (Org.) *Humanismo Medieval*. Ijuí, v.01, p. 13-30, 2005. ; ZIERER, Adriana. A Visão de Túndalo no Contexto das Viagens Imaginárias ao Além Túmulo: religiosidade, imaginário e educação no medievo. *Notandum*, São Paulo: USP, v.32, p.101-124, 2013.

25 FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: A História de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 313p.

26 LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório.* Lisboa: Estampa, 1995, 450p.

27 DE PONTFARCY, Yolande; PICARD, Jean-Michel. *Saint Patrick's purgatory: a twelfth century tale of a journey to the other world*. Dublin: Four Courts Press, 1985, p.33.

28 http://www.medievalirishbilingualism.eu/about-the-project/ (Acessado em 26 Outubro de 2016)

vernáculas, que antes eram transmitidas oralmente, passaram a ser escritas e regradas a partir do sistema gramatical latino. A produção literária foi, assim, o principal mecanismo de catalisação entre o novo e o antigo, o estrangeiro e o nativo. Uma discussão que certamente interessa à medievalística brasileira, pois falamos português, um idioma que se originou a partir do Latim.

Outro campo do conhecimento para o qual os irlandeses contribuíram grandemente para a cultura medieval foi o da produção e elaboração do direito canônico e outros tipos de documentos de caráter normativo, tais como penitenciais e regras monásticas, bem como para a produção da exegética bíblica medieval. O gênero literário conhecido como livros de penitência surgiu na Ilhas Britânicas, talvez no país de Gales, e foi aperfeiçoado no século VII pelos irlandeses. Muito provavelmente este gênero é oriundo de uma mistura de inspirações nos cânones sinodais e nas regras monásticas, mas estes novos textos atendiam a uma necessidade mais prática: a de guiar confessores ao lidar com o processo de confissão e recomendar ao confessante a penitência mais apropriada ao seu pecado e às suas circunstâncias pessoais[29].

Outro importante e inovador texto que emanou dos círculos de erudição irlandesa foi o texto canônico *Collectio Canonum Hibernensis*, produzido entre os séculos VII-VIII. Como argumentou Roy Flechner, esta obra canônica incluiu novas fontes e novos métodos legislativos, encontrando um balanço entre autoridades, regras e legislações cristãs contraditórias[30]. Esta foi uma obra que, assim como os penitenciais, influenciou a produção de obras canônicas e penitenciais nos mundos carolíngio e anglo-saxão[31]. A abadia de Corbie (657-881), por exemplo, no norte da França, foi um dos centros que contribuíram para o processo de reforma carolíngia, na qual a produção e manutenção do conhecimento foram altamente valorizadas; além de ter sido, também, um centro de forte influência irlandesa, fundado entre 657-661 sob o patrocínio real de Batilde e seu filho Clotário III. De acordo com a *Vita Bathildis*, Batilde e Clotário III pediram a Waldeberto, abade de Luxeuil, monastério fundado pelo conhecido asceta e peregrino irlandês Columbanus, que lhes enviassem um

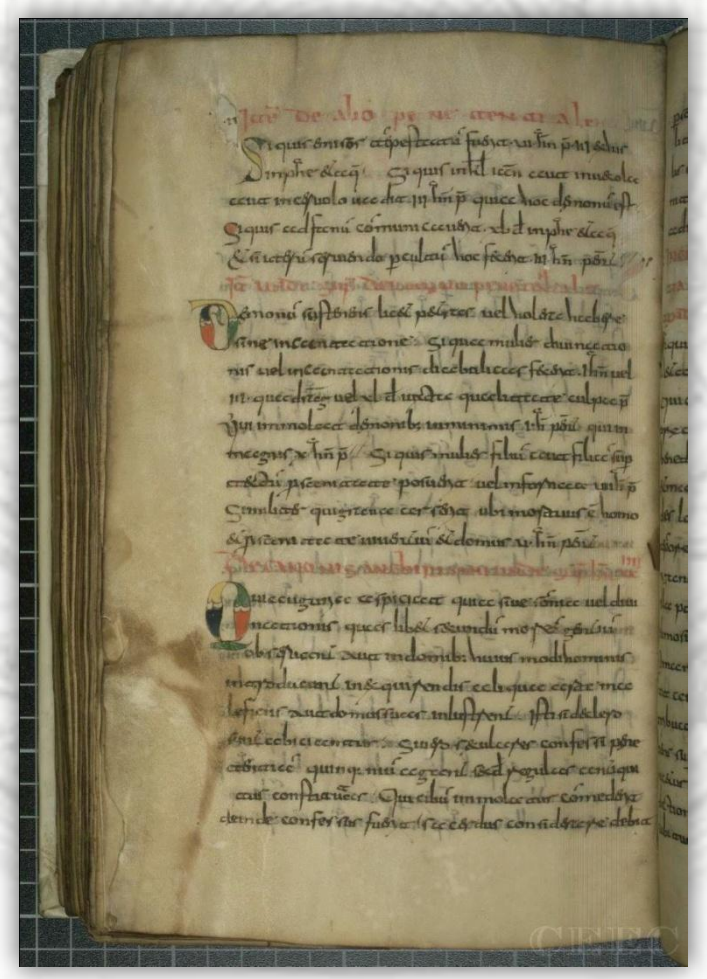
29 MEENS, Rob. *Penance in Medieval Europe 600-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, x, p. 37-69. ; PEREIRA, Elaine. Os Penitenciais como Fontes para a História da Irlanda. In: BASTOs, M.J.M.; FORTES, C.; SILVA, L.R. (Eds.) *Atas do I Encontro Regional da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM—RJ) e XI Mostra de Cultura Galega de 07 a 09 de novembro de 2006*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, p.138–144, 2007.

30 FLECHNER, Roy. The Problem of Originality in Early Medieval Canon Law: Legislating by means of Contradictions in the Collectio Hibernensis. *Viator*, Turnhout: Brepols, v.43, n.2, p.29-48, 2012.

31 MEENS, Rob. *Penance in Medieval Europe 600-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, x, p. 70-100.

abade para Corbie, sendo-lhes enviado Teofrido, com um grande número de monges[32]. Foi provavelmente em Corbie, no século VIII, que o penitencial conhecido como *Excarpsus Cummeani* foi produzido e o texto canônico *Collectio Vetus Galica* revisado e ampliado. Ambos contendo cânones dos textos normativos irlandeses acima citados[33].

A imagem abaixo é o folio 105v do manuscrito 91, hoje arquivado na Biblioteca da Catedral de Colônia, Alemanha. Este folio contém cânones do *Excarpsus Cummeani*. Entretanto, este manuscrito foi provavelmente produzido em Corbie ou na Burgúndia entre os séculos VIII e IX. Contudo, ainda que o manuscrito em questão não tenha sido compilado em Corbie especificamente, ele contém cópias de textos que foram produzidos em Corbie, como o *Excarpsus Cummeani* e o *Collectio Vetus Galica*, além de conter uma cópia do texto irlandês conhecido como *Segundo Sínodo de São Patrício*, produzido no século VII, dentre outros textos normativos.



© Cologne, Dombibliothek, 91 (séculos VIII/IX, Burgundy or Corbie) f. 105v. [34]

32 GANZ, David. *Corbie in the Carolingian Renaissance.* Sigmaringen: Thorbecke, 1990, p. 14-15.
33 MEENS, Rob. *Penance in Medieval Europe 600-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, x, p. 71, 77, 82, 92, 96, 100-111.
34 https://goo.gl/jZr4h0 (Acesso em 26 Outubro de 2016).

Considerada a contribuição da história medieval irlandesa para a formação e expansão do cristianismo, para a questão das periodizações, à transmissão e ressignificação dos conhecimentos clássicos, e produção de uma literatura normativa cristã, dentre inúmeros outros aspectos que foram e poderiam ser elencados como exemplos da importância deste campo de estudos, podemos concluir que a cultura irlandesa influenciou e foi influenciada por outras culturas medievais e a historiografia nacionalista de outrora está sendo substituída por uma historiografia transnacional e interconectada. Cada vez mais, as obras de fôlego enciclopedista e de síntese, que visam compreender processos que tenham provocado transformações nas sociedades medievais, buscam incluir a contribuição da Irlanda. Alguns autores que podemos citar que têm promovido esta percepção são Richard Fletcher[35]; Peter Brown[36]; o já mencionando Ian Wood[37]; Chris Wickham[38], dentre outros. Com esta expansão dos olhares desses renomados medievalistas para as áreas consideradas até outrora periféricas dentro do mundo medieval e de menor relevância investigativa, jovens pesquisadores em regiões também consideradas periféricas para a historiografia medieval, tais como Brasil, Argentina, Chile, etc., despertam interesse por estudar a Irlanda e as Ilhas Britânicas, uma demanda que acreditamos que será cada vez mais frequente, tanto nas Graduações quanto nos Programas de Pós-Graduação das universidades brasileiras.

PASSADO E FUTURO: CONQUISTAS, DESAFIOS, E POSSIBILIDADES

Fábio Duarte Joly, explicando a presença da tradição clássica no Brasil, escreveu que ela remonta ao século XVI, especificamente à expedição de Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil em 1549. Nela, vieram para a Bahia vários Jesuítas, que educavam as pessoas que moravam na nova colônia portuguesa, sobretudo a partir do estudo da gramática, das humanidades e da retórica[39]. Neste mesmo período, em condições análogas,

35 FLETCHER, Richard. *The Conversion of Europe: From Paganism to Christianity 371-1386 AD*. London: Fontana Press, 1998. xiii, 562p.

36 BROWN, Peter. *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*. [*The Rise of Western Christendom: Triumph and Diversity*] NOGUEIRA, Eduardo (Trad.). Construir a Europa. Lisboa: Editorial Presença, 1999, 365p.

37 WOOD, Ian. *The Missionary Life: Saints and the Evangelisation of Europe 400-1050.* Essex: Longman, 2001, xiii, 309p.

38 WICKHAM, Chris. *Framing the Early Middle Ages: Europe and the Mediterranean, 400-800.* Oxford: Oxford University Press, 2006, xxviii, 990p.

39 JOLY, Fábio Duarte. Some Aspects of ancient history scholarship in Brazil from the beginning till today: museums, universities and research groups. *Paper presented at the "European antiquity and global scholarship. Ancient history in Brazil and Germany" Colloquium,* Humboldt-Universität zu Berlin, 03 de Novembro de 2012, p.1-9.

algumas das temáticas que viriam interessar à medievalística brasileira começaram a serem discutidas, principalmente aquelas relacionadas com uma história da Igreja Católica, já que se tratava de uma educação jesuítica. Ou seja, embora ainda não existisse uma Ciência da História e nem uma comunidade de historiadores profissionais, algo que só viria a surgir posteriormente, certos tópicos da História Medieval aparecem na tradição textual de língua portuguesa produzida no território que englobaria, mais tarde, o Brasil, desde o século XV.

Foi somente no século XIX, a partir da estruturação da Ciência da História na Europa, que o Brasil também seguiu um caminho semelhante e o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, passou a contar com uma disciplina específica de História. Uma historiografia profissional dedicada aos estudos medievais, no entanto, só foi possível a partir da criação da USP, em 1934. Eurípedes Simões de Paula foi o primeiro professor da Cátedra de "História da Civilização Antiga e Medieval", da qual se tornou catedrático no ano de 1946[40]. Simões de Paula também defendeu a primeira tese de doutorado brasileira em História Medieval, no ano 1942, com um tema sobre o Grão Principado de Kiev no final da Idade Média. Em 1961, no primeiro congresso da recém fundada ANPUH, que ocorreu em Marília - SP, ele foi também o relator do pedido de separação de História Antiga e Medieval em duas disciplinas diferentes "considerando as diferenças existentes" entre elas[41]. Apesar disso, somente nas últimas décadas do século XX, acompanhando o desenvolvimento do sistema de ensino universitário brasileiro, principalmente com a criação de pós-graduações fora do eixo Rio-São Paulo, os estudos de História Medieval alcançaram maior amplitude no Brasil[42].

No que diz respeito aos estudos irlandeses foi preciso esperar ainda mais. Embora nem de longe a História da Irlanda apareça na historiografia medieval brasileira como poderia, ocupando menos espaço do que França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Escandinávia e, o que faz bem mais sentido, tendo em vista nosso passado português, a Península Ibérica, alguns avanços podem ser observados. Para que reflexões sobre História da Irlanda possam ser conduzidas, tem sido muito importante o apoio do Brathair, Grupo de Estudos Celtas e Germânicos,[43] que, desde 1999, a partir de discussões realizadas no interior da ABREM –

40 THEODORO, Janice. Eurípedes Simões de Paula (1910-1977). *Revista de História*, São Paulo: USP, n.160, p. 17-50, 2009.

41 DE PAULA, Eurípedes Simões. História Antiga e Medieval: dois espíritos e duas especializações. Problemas que suscita a sua definição numa só Cadeira. In: Anais do I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior em 1961. Marília, 1962. P. 81-88.

42 ALMEIDA, Ana Carolina Lima; AMARAL, Clínio de Oliveira. O Ocidente Medieval segundo a historiografia brasileira. *Medievalista*. Lisboa: FCSH, v.4, p.1-41, 2008. ; ANDRADE, Rodrigo Prates de. Repensar as muitas Idades Médias: os estudos medievais e a historiografia nacional. *Faces da História*, Assis-SP, v.2, n.2, p.27-41, jun.-dez, 2015.

43 http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair (Acesso em 26 Outubro de 2016).

Associação Brasileira de Estudos Medievais tem sido um *forum* permanente de debates e intercâmbio de pesquisas sobre a área, além de garantir, também, um espaço contínuo para publicações sobre esta temática, o que engloba ainda a História da Irlanda, principalmente durante o período Medieval.

A partir do ano de 1989 foi criada na Universidade de São Paulo a ABEI – Associação Brasileira de Estudos Irlandeses.[44] Coordenada por Munira H. Mutran e Laura P. Izarra, esta entidade tem produzido de forma periódica o *Brazilian Journal of Irish Studies*. Embora edições publicadas até o momento abarquem, sobretudo, literatura, teatro, cinema e poesia contemporânea, em algumas ocasiões é possível perceber diálogos com eventos passados da História Irlandesa, principalmente no que diz respeito à literatura, se apropriando de temáticas que, por vezes, são consideradas "célticas". Além disso, desde 29 de Setembro de 2009, foi assinado um acordo entre a USP e a Embaixada da Irlanda, representada, na ocasião, pelo embaixador Michael Hoey, para criação de uma Cátedra de Estudos Irlandeses, que foi batizada com o nome do escritor W. B. Yeats.[45] No dia 08 de Outubro de 2012, este convênio foi renovado com assinatura do próprio presidente irlandês Michael D. Higgins. A Cátedra tem ampliado as pesquisas tanto no que diz respeito às temáticas, quanto às temporalidades, o que fez com que fossem possíveis projetos mais direcionados para o estudo da História da Antiguidade e do Medievo. Desde 2014, por exemplo, está ativo o projeto de pesquisa "*Ireland and the wider world in the Late Antiquity/Early Middle Ages*", que tem como um dos objetos de investigação aas *Ogham Stones* que marcam o início da chamada "Tradição Hiberno-Latina" desenvolvido por Dominique Santos além de um outro estudo, de cunho comparativo, entre as produções normativas cristã irlandesa e a carolíngia, focado, principalmente, no centro de produção de Corbie, pesquisado por Elaine Pereira Farrell.

As conquistas obtidas até o momento, apesar de tímidas, são significativas. Cabe-nos agora olhar para o futuro, mapear os desafios e vislumbrar as possibilidades. Dentre os desafios que podemos citar talvez um dos mais urgentes seja a necessidade de uma maior integração dos conhecimentos sobre a Irlanda nos cursos de graduação e pós-graduação e publicações sobre história medieval no Brasil. Como vimos, Ullmann criticou a superespecialização acadêmica, que muitas vezes causa a dificuldade dos pesquisadores de incluírem em seus cursos de graduação e pós-graduação conhecimentos que não possuem. Uma forma de solucionar este problema para os grandes centros que dispõem de muitos medievalistas é tentar diversificar o quadro de professores em termos de especializações e

44 http://www.abei.org.br/index.php/pt/ (Acesso em 26 Outubro de 2016.
45 http://catedrawbyeats.vitis.uspnet.usp.br/index.php/pt/ (Acesso em 26 Outubro de 2016).

tentar dividir entre eles os conteúdos abordados. Contudo, ainda nestes centros esbarramos com a limitação de que na grande maioria dos cursos de graduação em História no território nacional há apenas uma disciplina básica para o ensino do medievo, cabendo aos professores e alunos tentarem expandir os canais de discussões em cursos monográficos. Há ainda casos em que um mesmo professor precisa lecionar tanto História Antiga quanto História Medieval, o que agrava ainda mais a situação.

Além disso, precisamos ampliar nossas publicações em português sobre a Irlanda. De modo geral, carecemos atualmente de novos livros introdutórios, sendo que um dos mais úteis que temos foi publicado em 1986[46]. Como foi enfatizado previamente, professores internacionais já passaram a incluir a Irlanda nas suas obras há pelo menos umas duas décadas. Esse processo precisa acontecer também no Brasil, e está ocorrendo, como dissemos, à passos pequenos, mas contínuos. Ainda a respeito de publicações, o desafio é duplo. Assim como os pesquisadores brasileiros especializados e/ou em fase de especialização sobre Irlanda precisam ter em mente a necessidade de publicarem em português a fim de assegurar o acesso deste conhecimento aos leitores de língua portuguesa, precisamos também aceitar o desafio de publicar em línguas estrangeiras, principalmente o inglês. As atividades acadêmicas estão cada vez mais globalizadas e a academia brasileira caminha igualmente para este processo de internacionalização. O nosso trabalho tem potencial para deixar de ser visto apenas como periférico e tornar-se parte integrante das discussões internacionais sobre os estudos irlandeses. Muitas revistas brasileiras já publicam resumos em pelo menos uma língua estrangeira, opção, por exemplo, da Revista Diálogos Mediterrânicos. Algumas já fazem edições bilíngues, como é o caso da *Revista Brasileira de História* (*RBH*)[47] e da Revista *Tempo*[48]. Cremos que a proposta das edições bilíngues seja excelente para a manutenção das publicações acadêmicas nas línguas nacionais, mas também para a internacionalização do trabalho dos pesquisadores brasileiros.

Em termos de possibilidades para o futuro, um importante passo a ser dado é o fortalecimento dos grupos de pesquisa e laboratórios que abriram espaços para os estudos irlandeses, tais como a ABEI - USP, o LABEAM - FURB e o NEREIDA - UFF, e obter mais espaço dentro de outros grupos de pesquisa. Há muitos alunos de graduação e pós-graduação em instituições diversas manifestando interesse em estudar Irlanda e precisamos criar mecanismos de apoio para o desenvolvimento do interesse destes alunos. Outro passo

46 FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente.* São Paulo: Brasiliense, 2006, 5a reimpr. da 2a ed., 205p.

47 https://goo.gl/Vh0ldi (Acesso em 26 Outubro de 2016).

pertinente, que carece de financiamento público, mas que, devido à conjuntura econômica e política do Brasil no atual momento, bastante temerário, e que talvez venha a ser limitado nos próximos anos, é a continuidade da participação de pesquisadores brasileiros em importantes conferências internacionais realizadas, por exemplo, na Europa, ainda o principal centro de estudos medievais. A presença brasileira nos grandes encontros de estudos medievais, celtas e irlandeses tem crescido consideravelmente. No ano de 2014, por exemplo, havia aproximadamente vinte delegados brasileiros no *International Medieval Congress* da Universidade de Leeds (7-10 Julho 2014),[49] evento mais geral da área de História Medieval, enquanto que na última versão do *International Congress of Celtic Studies*, evento mais específico, havia cinco (Glasgow, 13-17 Julho 2015).[50]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia francesa ainda predomina no Brasil, tanto nos textos acadêmicos e nos livros didáticos quanto nos cursos ministrados. Mas, com o aumento do número de estudantes de pós-graduação formados no Brasil a partir de uma tradição de leituras de obras em língua inglesa, este quadro tende a ser em breve alterado. Como Chris Wickham destacou[51], a historiografia em língua inglesa tornou-se dominante desde a década de 1970 e as grandes editoras internacionais têm implementado políticas editoriais nas quais as citações em línguas outras do que a inglesa devem ser reduzidas ao mínimo. Esta é uma política questionável. Talvez possamos até nos atrever a afirmar que é abusiva, e que pode ter como resultado isolar cada vez mais as outras tradições historiográficas, dificultando a difusão e divulgação de trabalhos publicados em outros idiomas diferentes do inglês. Se por um lado, não devemos nos render a este tipo de medida política e comercial, continuando a publicar em nossa língua nacional, por outro, não podemos nos privar de apresentar nossos resultados também em inglês para que estes circulem internacionalmente.

Paulatinamente, os medievalistas brasileiros tem se convencido de que os exemplos oriundos da França Medieval não são o bastante para oferecer-nos uma visão ampla do medievo. Faz-se necessário que as próximas gerações de medievalistas brasileiros continuem a aventurarem-se por outros campos, como por exemplo, o estudo das culturas e sociedades

48 http://www.historia.uff.br/tempo/site/ (Acesso em 26 Outubro de 2016).
49 http://www.leeds.ac.uk/ims/imc/imc2014.html (Acesso em 26 Outubro de 2016).
50 http://www.celticstudiescongress.org/index.php/home/program/ (Acesso em 26 Outubro de 2016).
51 WICKHAM, Chris. *The Inheritance of Rome: Iluminating the Dark Ages, 400-1000.* New York: Penguin Books, xi, 2009, p. 12-13.

africanas, islâmicas, bizantinas, eslavas, escandinavas, das Ilhas Britânicas durante a Idade Média, inclusive da Irlanda/ *Hibernia*. Um diálogo transnacional, que possibilite a produção de narrativas históricas que consigam romper as barreiras dos regionalismos e nacionalismos, proporcionando uma história glocal dos homens no tempo, é um dos passos para vencermos alguns destes desafios. O estudo da História da Irlanda, e os contatos com a historiografia irlandesa, podem oferecer contrapontos interessantes para o aprimoramento de uma medievalística à brasileira.